



Editorial

Os Organizadores

Prezadas leitoras, prezados leitores!

Este número de ECO-REBEL contém uma seleção feita por pareceristas anônimos de alguns dos trabalhos apresentados no III Encontro Brasileiro de Ecolinguística (III EBE), que teve lugar na Universidade de Brasília, de 22 a 24 de agosto de 2016. Dos 45 trabalhos inscritos, oito não foram apresentados. Dos que foram submetidos à publicação, 13 foram aceitos. Um dos textos apresentados no evento, "Fonologia ecossistêmica" (de Ronaldo M. Lima Júnior), já está publicado no v. 2, n. 1, 2016 da revista.

O primeiro texto, "O ecossistema linguístico e cultural urbano da imigração italiana no eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora", de Mario Gaio e Mônica Savedra, trata de um assunto pouco conhecido, ou seja, a imigração italiana em Juiz de Fora e Rio de Janeiro, sendo que em geral se pensa em italianos só no sul do Brasil ou em São Paulo. Os autores aplicam o conceito de comunidade de fala da linguística ecossistêmica na análise da situação dos descendentes de italianos nas duas cidades.

O artigo de Djiby Mane, "A ecologia do contato de línguas e os empréstimos árabes nas línguas muçulmanas não árabes do Senegal", mostra quão importante é a religião na dinâmica das línguas. Assim como o cristianismo foi uma grande fonte de enriquecimento lexical para as línguas da Europa, o islamismo o é para as línguas do norte da África, no caso, as do Senegal.

O artigo do ecolinguista português Rui Ramos, "Configurações de ciclos de vida na literatura para crianças: Uma análise ecolinguística", trata de livros infantis portugueses. Do ponto de vista teórico, ele se filia à análise do discurso francesa. Um aspecto

ECO-REBEL

interessante e provocativo do ensaio é a defesa de uma neutralidade do investigador, conscientemente contrariando e criticando o "engajamento" da análise do discurso ecológica (ADE), que é "prescritiva" como a ecologia profunda, no sentido de defender a vida e lutar contra o sofrimento evitável.

O ensaio seguinte, "*Boi Tufão: análise ecolinguística da música sertaneja de raiz na sociedade rural baiana do início do séc. XX*", de Hans Donner da Mota & João Avelar Filho, faz uma análise da letra da música sertaneja "Boi Tufão", cantada pelo Trio Parada Dura, mostrando sua ligação com o meio de que fala. O texto de Michelly Luiz, "As práticas religiosas em *O pagador de promessas* sob a perspectiva da ADE" é também análise de um texto no caso a famosa peça de Dias Gomes.

O ensaio de Zilda Dourado, "Pensando a capoeira dentro do ecossistema cultural: algumas reflexões iniciais", é uma interessante análise da prática da capoeira, partindo do núcleo da linguística ecossistêmica, que é a ecologia da interação comunicativa. Ela mostra que a prática da capoeira é uma comunicação bastante complexa, compreendendo não só o verbal, mas também o proxêmico e o cinésico, entre outros. O texto, "A linguagem da catira enquanto expressão do acaipiramento no nordeste goiano", de João Avelar Filho, tem muito a ver com o de Dourado. Seu objeto é também uma manifestação cultural de interação em que entram os diversos componentes. O autor inclusive discute as fontes dos conceitos de cinésica e proxêmica.

Os dois textos seguintes tratam de um assunto bastante apropriado para uma abordagem linguístico-ecossistêmica, as línguas de sinais, devido ao fato de elas serem línguas bastante contextualizadas. O primeiro é "Meio ambiente da língua brasileira de sinais e seu registro gráfico", no qual os autores Cláudio Benassi, Anderson Duarte & Simone Padilha, propõem uma modificação no tripé do ecossistema linguístico. Linearizando a representação original temos L—P—T, com a população sendo intermediária entre a língua e o mundo. A proposta dos autores, porém, quando linearizada redundando em P—L—T. A proposta original prevê que a língua só se relaciona ao mundo (T) por nosso (P) intermédio. A proposta dos autores vai frontalmente contra um dos princípios mais caros da linguística ecossistêmica: o fato de a língua só existir como hóspede de P, como defende Salikoko Mufwene. Mas, o objetivo principal dos autores é propor uma nova escrita para a língua de sinais, a que chamam provisoriamente de visografia. O segundo texto, "Duplipensar o conceito surdo ou ressignificar a concepção visual pelas

lentes da ecolinguística", também de Anderson Duarte, Claudio Benassi & Simone Padilha, argumenta, em um tom bastante incisivo, no sentido de que o termo "surdo" é preconceituoso. Seria preferível dizer-se "visual", que se contraporá a "ouvinte". Isso porque o conceito de "surdo" se baseia em algo negativo, algo que está faltando, ao passo que "visual" é uma propriedade das pessoas e, conseqüentemente, dos usuários de LIBRAS. O ensaio seguinte é do mesmo grupo de autores. Trata-se de "Bakhtin e ecolinguística: diálogos possíveis", de Marta Covezzi, Márcia Gonçalves & Simone Padilha. Trata-se de uma tentativa de mostrar que a proposta teórica da ecolinguística tem muitas semelhanças com a filosofia linguística de Mikhail Bakhtin. Aliás, parece que está surgindo no Brasil uma "análise dialógica do discurso" (ADD), partindo de uma proposta original de Beth Brait, conhecida estudiosa da obra de Bakhtin. Genis Schmaltz Neto fala de outra possibilidade de diálogo, no caso, com uma das vertentes da sociolinguística. Por isso, o texto se intitula "Interfaces entre ecolinguística e sociolinguística interacional".

Hildo do Couto sugere que o conceito de "Mapa mental" seja incluído no ecossistema mental da língua. Todos nós temos um mapa do lugar em que moramos, o que permite orientarmo-nos espacialmente. Por fim, temos um texto de endoecologia linguística, de Lajla Simião. Trata-se de "A semântica das preposições pela ótica da ecolinguística". O texto corrobora uma proposta de Bernard Pottier de que toda preposição tem origem espacial; não apenas as espaciais propriamente ditas, mas também as temporais e as abstratas ou nocionais. Por isso a autora parte da "ecologia das relações espaciais" da linguística ecossistêmica. O texto mostra, outrossim, que as preposições surgem seguindo um percurso onomasiológico, mas, após formadas, podem seguir o caminho inverso, o da semasiologia, como, de resto, acontece com toda e qualquer palavra da língua, e até com a língua como um todo. Por outras palavras, as palavras (e a língua) surgem para falar de algo do mundo, mas, após formadas, podem ampliar o âmbito dos *designata* e até de criá-los.

Este número de ECO-REBEL contém ainda duas resenhas. A primeira é do livro *Múltiplos olhares em linguística e linguística aplicada* (Campinas, SP: Pontes, 2016), organizado por Elena Ortiz-Preuss, Elza do Couto e Rui Ramos, e resenhado por Davi Albuquerque. A presença da resenha se justifica pelo fato de o livro conter um ensaio ecolinguístico, ou seja, "A dialetologia e a sociolinguística como precursoras da ecolinguística", de Elza do Couto e Hildo do Couto. A segundo livro resenhado é

ECO-REBEL

Ecologias Humanas, organizada por Juracy Marques. A resenha foi feita por Wellington da Silva. Ela aparece aqui para mostrar mais uma vez o caráter multidisciplinar da ecolinguística. O diálogo com a ecologia humana é muito natural, pois ela é uma das inspirações para a linguística ecossistêmica. Tanto que o livro contém um capítulo dedicado diretamente à ecolinguística, ou seja, “Ecolinguística: Uma Interface Língua e Meio Ambiente”, assinado por Joelma Conceição Reis Felipe, mais uma justificativa para a resenha do livro nesta revista de ecolinguística.

Como se pode ver, este número de ECO-REBEL inclui temas bastante diversos, o que revela mais uma vez a perspectiva holística da ecolinguística, sobretudo da linguística ecossistêmica, sobre os fenômenos da linguagem.

Gostaríamos de terminar salientando que, atualmente, há uma tendência nas publicações acadêmicas, e não apenas nas brasileiras, a serem feitas exclusivamente em inglês. O grupo ecolinguístico brasileiro congregado em torno de ECO-REBEL pensa um pouco diferente. Nós achamos que devemos realmente estar sintonizados com o que vai pelo mundo afora, produzindo textos em inglês e outras línguas a fim de divulgar nossa produção no exterior. Devemos também nos informar sobre o que se produz lá fora, inclusive publicando textos de autores estrangeiros. No entanto, somos de opinião de que já temos uma considerável massa crítica acadêmica no Brasil que justifica produzirmos ciência internamente em português. Temos direito de fazer ciência em nossa própria língua, mesmo porque ainda há muita gente por aqui que tem dificuldade com o inglês. Por tudo isso, ECO-REBEL se sente orgulhosa de publicar a maior parte dos textos em português. Porém, como se pode ver compulsando os diversos números já disponíveis, ela não é xenófoba. Pelo contrário, ela contém muita coisa em inglês também, além de alguns textos em espanhol e em francês. Aliás, muitos dos textos publicados em português são de autores estrangeiros.

Boa leitura a todas e a todos!

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 3, n. 1, 2017.